



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MIMI, NECAS E LÚLÚ NA PRAIA

◀ || Por LEONOR DE CAMPOS || ▶
Desenhos de A. CASTAÑÉ

- «Mimi! Cuidado!...»
- «Lúlú! Venha *parra* aqui!...»
- «Necas! Não *aproxime-se* tanto da mar!...»

A pobre *Miss* esalfava-se a gritar aos pequenos. Mas estes, insensíveis á sua aflicção, continuavam a brincar como se nada fôsse com eles. Só o Lúlú, de vez em quando, resmungava:

— «A carcaça da *Miss Bife* não se cala!... Se eu pudesse, havia de a obrigar a tomar um mergulho...»

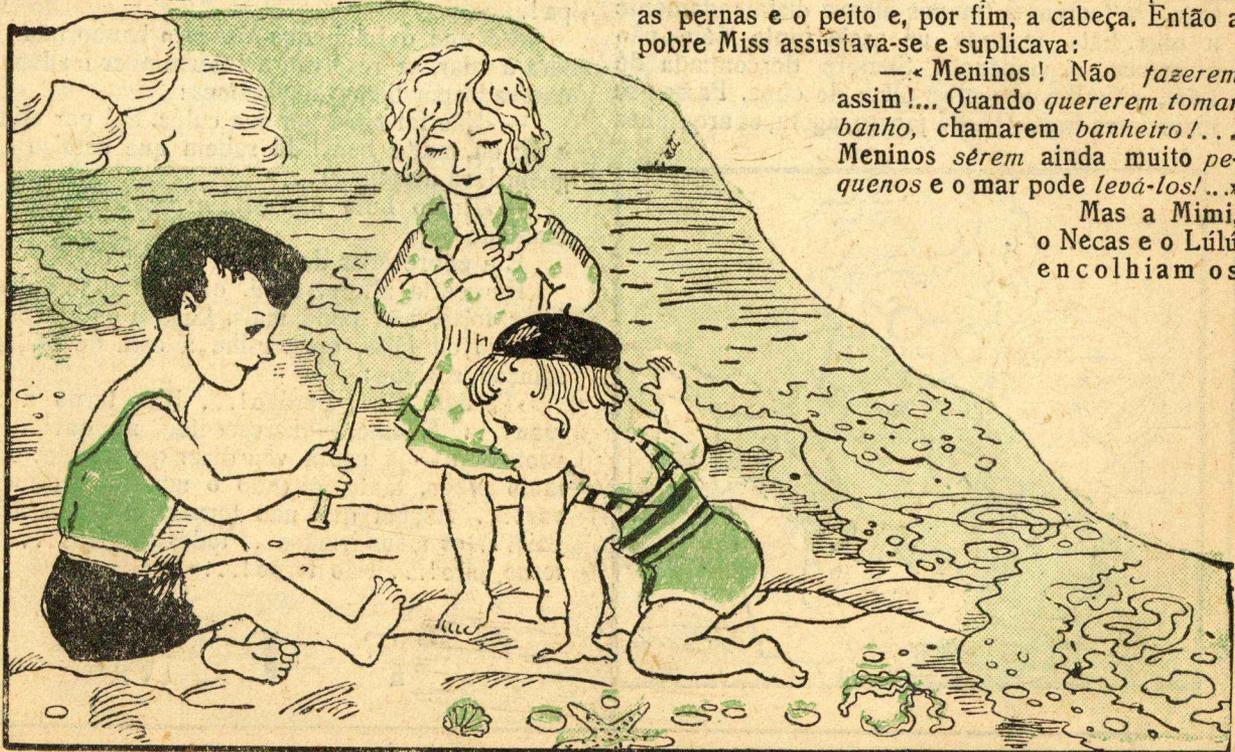
Os três marotos estavam ainda em férias, na quinta da avó. Mas, por conselho médico, iam

agora todos os dias, acompanhados pela *Miss*, passar algumas horas numa praia próxima. E ali, á beira-mar, apenas vestidos com o seu fato de banho, sentiam-se felicíssimos. Saltavam, corriam, davam cambalhotas, faziam lindas contruções, jogavam o prego, etc., etc.

A *Miss*, enquanto eles assim brincavam, fazia *crochet* ou lia o seu livro, olhando-os de vez em quando por cima dos óculos. O pior era quando eles, atrevidos e sem juízo, se lembravam de ir molhar os pés. Não porque o molhar os pés lhes fizesse mal, é claro. Mas é que atrás dos pés iam as pernas e o peito e, por fim, a cabeça. Então a pobre *Miss* assustava-se e suplicava:

— «Meninos! Não *fazerem* assim!... Quando *quererem* tomar banho, chamarem *banheiro*!... Meninos *sêrem* ainda muito *pequenos* e o mar pode *levá-los*!...»

Mas a Mimi, o Necas e o Lúlú encolhiam os



ombros e riam da cara amedrontada da senhora.

Contudo, houve um dia em que a Mimi e o Necas, embora sempre atrevidos e destemidos, se resolveram a obedecer á Miss e a brincar com mais juízo. Não que o mar estava para graças!... Tão depressa se mostrava manso e rasteirinho, como avançava loucamente, em ondas que pareciam castelos!... Só o Lúlú, o teimoso e malcriado Lúlú, continuava a querer ir molhar os pés.

—«Mas eu quero!...»—gritava êle, numa fúria.

A Miss, porém, sem se importar com os seus berreiros, respondia apenas, calma e firme:

—«Mas eu não quero!...»

E vendo, a certa altura, que por êsse processo nada conseguiria, pois o Lúlú resolvera desobedecer, ameaçou:

—«Pois bem! Acabou-se a praia, por hoje. Vou já chamar o *motorista* para levar Lúlú para o carro!...»

Então o Lúlú viu o caso mal parado. E lembrou-se de mudar de tática.

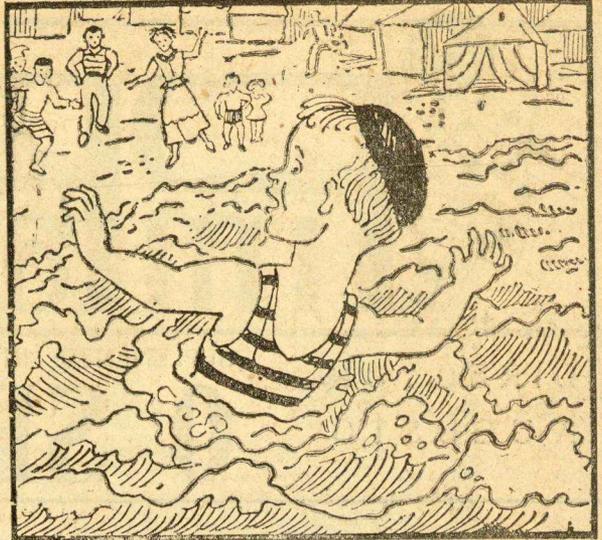
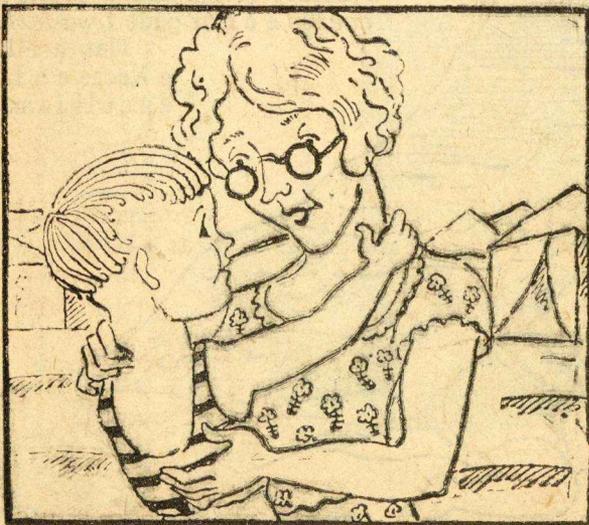
—«Não, Miss. Não chame o motorista, que não é preciso. Já que a Miss não quer que eu vá molhar os pés, não vou, pronto. Paciência!... Fica para amanhã!...»

A Miss abriu a bôca, espantada, e, também desconfiada com aquela súbita condescendência, tam pouco natural no Lúlú. E, na verdade, tinha tôda a razão para desconfiar.

O garoto, enquanto dizia aquelas palavras, próprias dum rapazinho de juízo, ia pensando:

Deixa estar, *miss Bife*, que eu te arranjarei!... Hei-de ir para o mar, hei-de molhar os pés, hei-de fazer tudo aquilo que me apetece... e ninguém tem nada com isso!...

Mas, resolvido a ser manhoso, dirigiu-se logo para um grupo de crianças que jogavam o prêgo e sentou-se, também, a fingir-se interessado no jôgo. De tempos a tempos olhava disfarçadamente a miss. Esta, sentada na areia junto dêle, não afrouxava a vigilância. Sempre desconfiada de Lúlú, não lhe tirava os olhos de cima. Passou-se mais duma hora. O Lúlú jogava, agora, os arquinhos



com a irmã, E parecia tam entretido e tam divertido com o jôgo, que a Miss resolveu pegar no seu *crochet*. Para isso, dirigiu-se à barraca.

Nisto, um grito estridente, fê-la voltar, sobresaltada. Era a Mimi que, aflita, de braço estendido, a gritar, apontava o mar onde uma grande onda por completo ocultava o Lúlú. A Miss correu. Veio gente de todos os lados. Felizmente andava por ali perto o banheiro, que, cheio de coragem, se lançou ao mar e conseguiu tirar de lá o imprudente Lúlú. Depois de o obrigarem a repetidos movimentos de braços, a-fim de deitar fóra a água que bebera, friccionaram-no vigorosamente, agasalharam-no e meteram-no no carro. A Miss estava desolada.

Pelo caminho, enquanto Nécas e Mimi, encolhidos a um canto do carro, tremiam e choramingavam, mal refeitos do susto, ela murmurava, cheia de aflição:

—«Foi por *meu culpa*!... Foi por *meu culpa*!...»

Até que o Lúlú, que desde o banho não voltara a falar, se resolveu a interromper o silêncio, enervado por tantos queixumes:

—«Não foi nada por sua culpa. Foi por minha e fiz eu muito bem! Já sabem que comigo ninguém leva a melhor!...»

—«Então Lúlú não está arrependida da sua maldade?»

E a pobre Miss desatou a chorar.

Em certa altura, Lúlú, que até aí se quizera fazer forte, não pôde mais. Lançou os braços ao pescoço da Miss, encheu-lhe a cara de beijos e soluçou, soluçou:

«Perdão, Miss, perdão!... Não torno a ser mau!... E olhe, — acrescentou, ao ouvido da professora — já agora vou dizer a verdade: Tive tanto medo, tanto, quando o mar me queria levar!... Julguei que não tornava a ver os meus pais... os meus irmãos... todos os meus... não torno, juro!... Não torno!...»

F I M

HISTÓRIA DUNS SAPATINHOS DE COURO

Por ZÉ D'ALDEIA

NA nobre rua do Ouro,
Numa vitrine, um primôr,
Dois sapatinhos de couro,
Esperavam comprador.

Passaram semanas, meses,
E ninguém para os comprar!
Já mais de vinte freguêses
Os chegaram a calçar!

E viviam desolados,
Lá na vitrine, oprimidos!
Para uns muito apertados,
E para outros compridos!

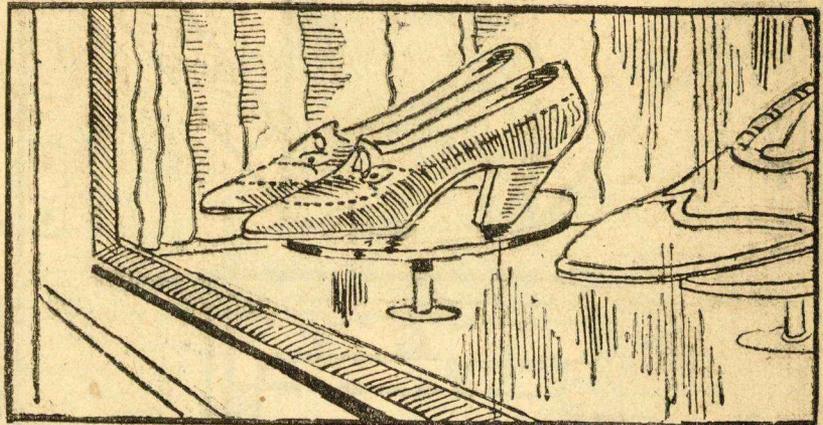
Num dia de lindo aspeito,
Todo sol em profusão,
O esquerdo diz ao direito:
— «Meu bom mano, esta prisão,

«Já me custa a suportar...
Volve o direito, a sorrir:
— «O melhor é combinar
«Como havemos de fugir,

«Quebra-se o vidro opressôr,
«E saltamos para a rua...
Diz o outro: — «Não senhor,
«Arranja-se uma gazúia!

«E, quando o patrão saír,
«Depois da loja fechada,
«Nós tentaremos abrir
«Da rua a porta ondulada...

Meia-noite no Grandela
Soava lugubrememente!
A sonhar, uma chinela,
Dizia com voz dolente:



— «Estou morta por saír
«Destas terríveis galés!...
«Quem me dera já os pés
«Aos quais eu hei-de servir!

Já pela rua do Ouro
Não há bulha, nem pregão...
Nisto, os sapatos de couro,
Dão um pulo para o chão.

Taque... Taque... Lá na rua,
Nem viv'alma se ouve já!
Sòmente o som da gazúia
Faz na porta: Trá, trá, trá...

Já um palmo levantada,
Com refinadas cautelas,
Está a porta ondulada!
Ei-los que dão às canelas...

Vão correndo, taque, taque...
Muito alegres, taque, tique...
p'ra onde vão, tique, taque?
Ao baile do *Magestic!*

O porteiro, ao vê-los, diz:
— «Oh freguesia barata!...
«Nestas salas sempre quiz
«Sapatinhos de verniz,
«Com fivelinha de prata...

«Mas entrai, se vos apraz;
«Como sois novos, talvez,
«Depois de findar o Jazz,
«Encontreis algum freguês!...

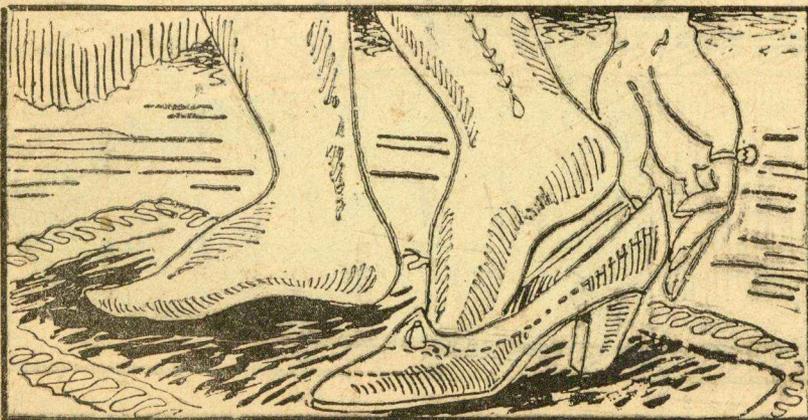
Ao vê-los, uma madama,
Que se queixava dos calos,
Com grande alegria exclama:
— «Uns sapatos! Vou calçá-los!

Com tanta felicidade
Que ficaram a primôr!
Sente-se a dama à vontade
Satisfeita, já sem dôr!

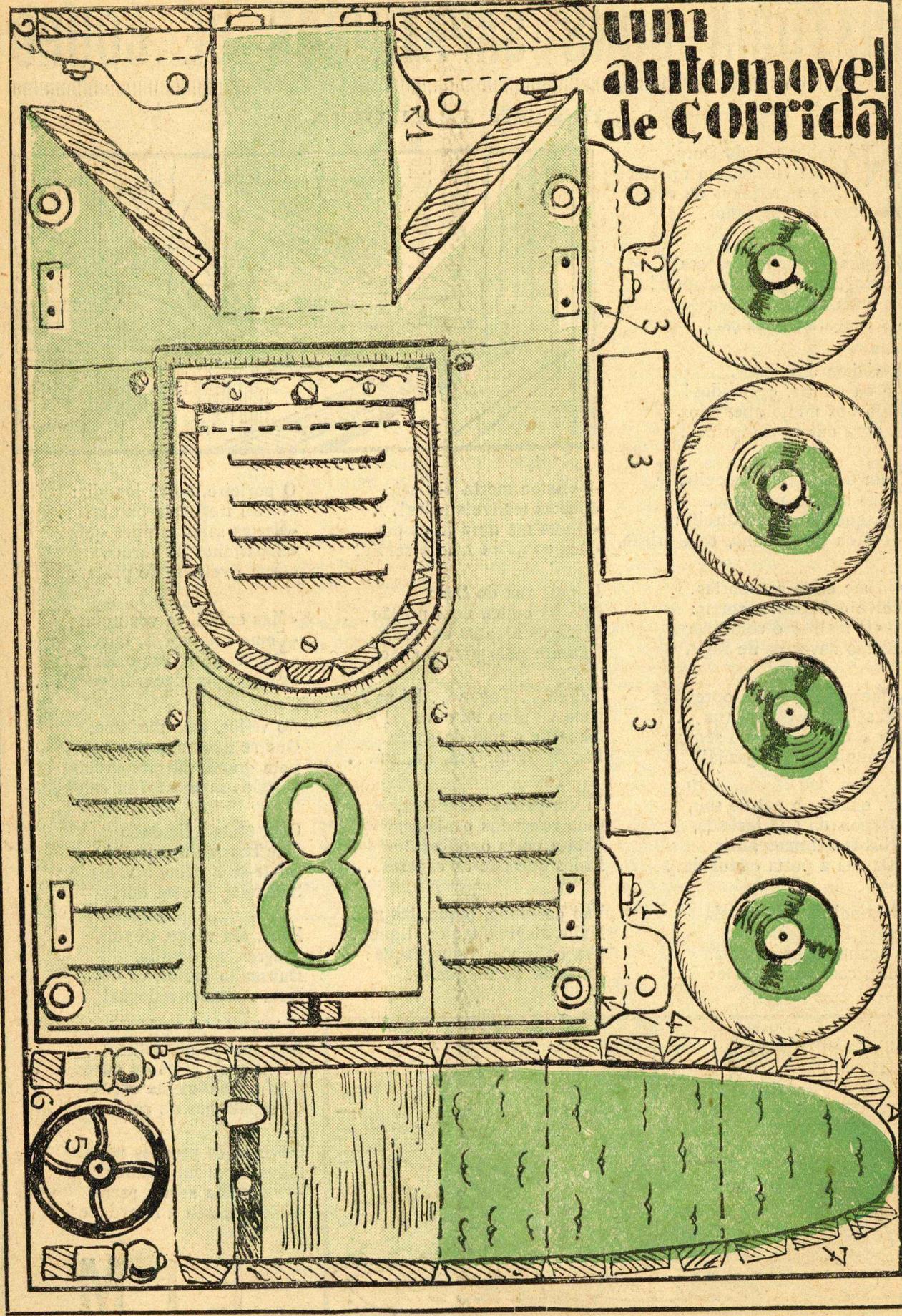
E, ai, era vê-los, depois,
Alegres, ao desafio,
Dansando juntos, os dois,
Num contente rodopio!

Já o sol vai nas alturas,
Dardejando raios de ouro;
E já na alcôva, às escuras,
Os sapatinhos de couro,

Ouvindo os pregões na rua
Dizem com felicidade:
— «Bendita seja a gazúia
«Que nos deu a liberdade!...



F I M



um automovel de corrida

8

3

3

5

6

2

3

4

4

A

A

O TOMÉ SOVINA

POR ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANHÉ

DESTA vez, deu-me na telha fazer uma par-tida, não a um menino como é meu cos-tume mas a um velhote, chamado Tomé, que era sovina como os mais sovinas.

Transformado em pintaroxo, pousado no ramo duma macieira, êste Anão olhava o velho Tomé que cavava a terra, para lhe deitar a semente.

Todas as vezes que êle enterrava a enxada, descobria qualquer vermezinho e o vosso Anão-pintaroxo fazia *ti-titt, ti-titt*, cheio de apetite por aquele manjar. Mas o velhote ia deitando os bichinhos para dentro dum vaso, e olhava para mim, com um olhinho manhoso, dizendo-me:

— Julgas, então, meu atrevido, que é para ti que eu trabalho e que tôda esta paparoca ia parar ao teu bico? Estás muito enganado! Tudo isto é para as minhas galinhas, pois são bichos úteis! Põem os ovos que vou vender ao mercado, enquanto tu, para que serves? Cantas, saltitas, não prestas para mais nada!

Ericei as peninhas, com ar zangado.

O meu *ti-titt* tornou-se um assobio tão alto e forte, que o Tomé levantou a cabeça, descon-fiado.

E tinha de quê.

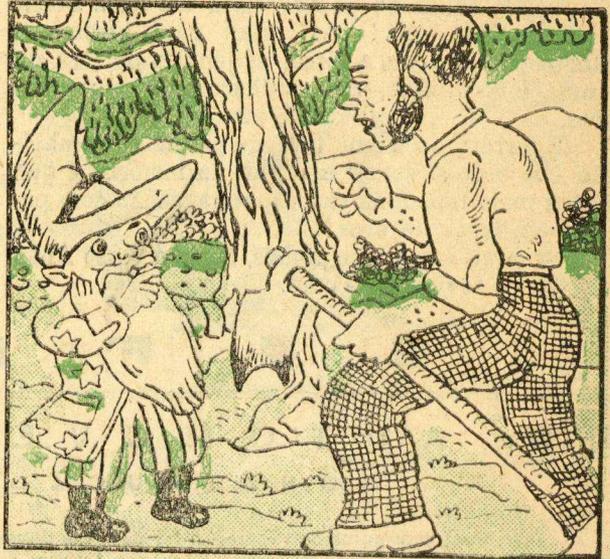
No cimo da árvore, eu engrossara tanto, tanto, que já não estava do tamanho dum pintaroxo, pa-recia agora uma galinha!

De repente, dei um pulo e saltei para terra.

Quando cheguei perto do velho, de pássaro tornara à minha forma de anão.

E vai, falei assim ao embasbacado Tomé:

— Com que então queres guardar todo o sus-tento para as tuas galinhas, porque os seus ovos te rendem dinheiro? Para ti, só o que é útil deve existir no mundo! Nunca tiveste um sonho gene-roso, um sentimento desinteressado, nem com-preendes que não é só a riqueza que dá felici-



dade. És um velho avarento, e vais vêr como se vingá um pintaroxo revoltado!

Furioso, o Tomé levantou a enxada para dar cabo dêste anão tão atrevido nas suas falas, mas eu dei um tal salto que fui parar ao ramo mais alto da macieira, e, transformado outra vez em pintaroxo, pus-me, lá de cima, a trautear, muito trocista:

— *Ti-titt, ti-titt!*

— Tive um sonho, pela certa! — exclamou o velhote, esfregando os olhos.

Aprensivo, cheio de mêdo, voltou para casa.

Foi logo direito à capoeira e para lá deitou as minhocas e várias outras bicharias que as galinhas logo enguliram, muito sôfregas.

A' noite, depois de uma passagem pela taber-nória, já o Tomé esquecera as ameaças que eu lhe fizera e até dormiu um sôno regalado que lhe varreu de todo da memória o Anãozinho e as suas pragas.

De manhã, ao almoço, o Tomé que era gu-lososo, resolveu comer uma pratada de ovos me-xidos.

Gritou para a filha, uma moçoila, muito lorpa:

— Eh, rapariga! Vai-me à capoeira, traze de lá os ovos que houver, e faze-mos bem mexidinhos.

Já o unto cantava ao lume, dentro da frigi-deira, e o Tomé lambia os beiços gulosos, na es-perança do bom petisco, quando a rapariga come-çou aos berros:

— O' pai, os ovos são como pedras, eu não os posso partir!

Vai o Tomé, pegou nos ovos, bateu com êles, toc-toc-toc, com toda a fôrça, na borda do prato.

O prato fez-se em bocados, pois os ovos eram pedras a valer!



Só serviam para partir, não para serem partidos!

Então, o velho sovina lembrou-se logo da vingança do Anão-Pintarôxo e, praguejando, furioso, atirou os ovos pela janela fóra.

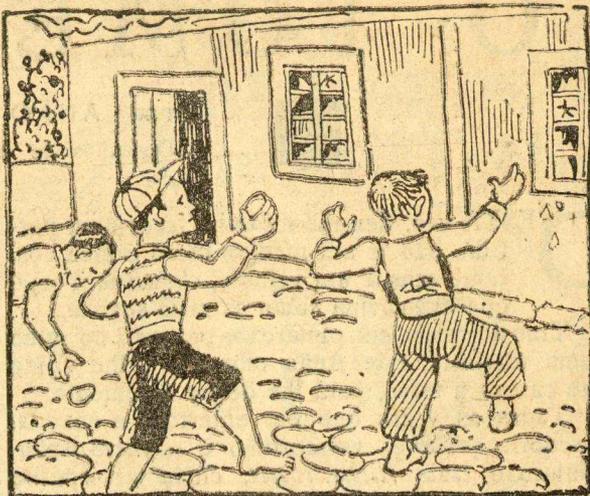
Nessa ocasião, passava na estrada um rancho de garotos,

Aquela chuva de pedras caíra em cima deles.

Num rufo, zás! pás! trás! pás! arremeçaram-nas, com toda a força, às janelas da casa do Tomé e os vidros, em estilhaços, voaram pelos ares.

O forreta do Tomé teve de gastar um dinheirão em vidros novos e o pior da história, é que nunca mais topou, na sua capoeira, senão com pedras, em lugar de ovos!

Eis aqui, meus amiguinhos, como o vosso Anão castigou o sovina do Tomé.



■ ■ F I M ■ ■

U M A U T O M O V E L D E C O R R I D A
C O N S T R U Ç Ã O P A R A A R M A R

Para fazer este automóvel é preciso ter duas tabuinhas iguais às figuras 3, que servirão para unir a armação do automóvel, pregadas exactamente no espaço também n.º 3 com dois pregos pequenos como se indica no mesmo lugar. São precisos também dois eixos com seis centímetros e meio de comprimento cada. No centro, e da mesma medida que a fig. 3, pegar-se-há no eixo, enrolando-o, um papel entre as paredes interiores da armação para que não oscile, pregando-se as rodas depois nas extremidades dos eixos. As rodas ficarão assim separadas da armação como nos automóveis de corrida.

Para que as rodas tenham solidez, convém recortar quatro de cada e sobrepô-las, pegando-as umas às outras.

O tracejado é o espaço para pegar

O interior do auto n.º 7 deverá dobrar-se pela linha a traço; a porta A são as costas do assento e assim por diante.

O volante pregar-se-há num pausinho que se colocará no chão do auto, coincidindo com o orifício que lá está indicado.

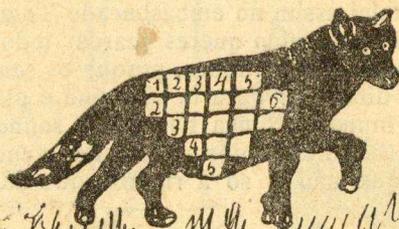
As peças n.º 1 e 2 serão recortadas em duplicado, pois as que estão pegadas à armação servem só para indicar o lugar em que devem ser pegadas; estas peças depois de pegadas com a porta tracejada pelo lado interior, dobrar-se-hão pela linha de traço, de forma a introduzir o eixo pelo orifício.

Todo o desenho deverá ser colado em cartão forte.

P A L A V R A S
C R U Z A D A S

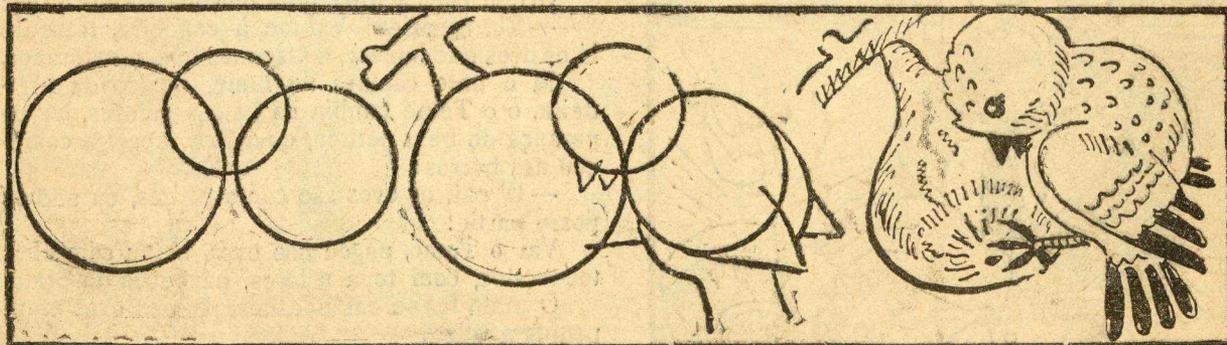
HORISONTAIS — 1.º, Criança; 2.º, Nome de homem; 3.º, Utensílio escolar; 4.º, Carreira; 5.º, Artigo.

VERTICAIS — 1.º, Anfíbio; 2.º, None; 3.º, Lugar onde está guardado o vinho; 4.º, Tremôr; 5.º, Nome; 6.º, Consoante e Vogal.



Linha 4

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um passarinho a comer um figo

UM JORNAL a COPIOGRAFO

MEU AMIGUINHO:

PEDISTE-ME, há tempos, que te ensinasse como deverias fazer um jornal de que serias Director, para ser colaborado pelos teus irmãozitos, primos, etc., para a enorme tiragem de 10 exemplares que destinavas a todos os teus conhecidos.

Aqui vai uma idéa, das melhores que encontrei para esse caso, admitindo até a possibilidade de que venhas a aumentar a tiragem para 50 ou mais exemplares.

Para a montagem da CASA DAS MAQUINAS, precisas do seguinte:

— 1 Taboleiro de folha, ou «cuvette» de louça (uma tampa de uma lata de bolachas ou qualquer outra coisa que arranjes);

— 50 gramas de gelatina, ou grude de carpinteiro (esta última como é mais barata, talvez sirva melhor) 1 parte;

— 200 gramas de glicerina que se vende em qualquer drogaria. 4 partes;

— 100 gramas de água. 2 partes;

— Algumas gôtas de um desinfectante qualquer.

Observação. — Estas quantidades referem-se a um taboleiro de 20^{cm} × 15^{cm}.

*

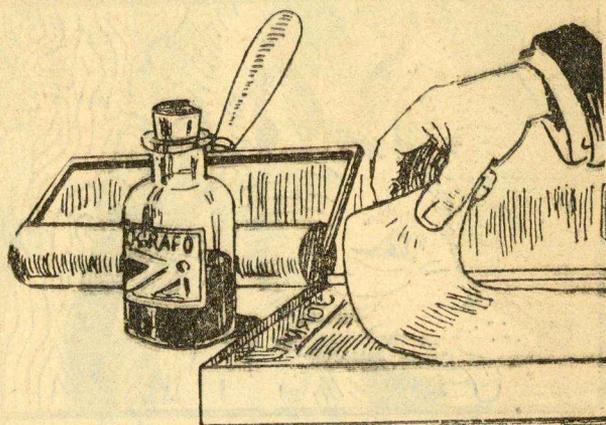
* * *

Quebras a gelatina ou grude em pedaços o mais pequenos possíveis e juntas-lhes a glicerina e água (na qual previamente já misturaste o desinfectante), num tacho ou qualquer coisa que possa ir ao lume.

Deixas repousar durante uma hora ou duas, para que a gelatina ou grude se embeba bem.

Entretanto, limpas muito bem o taboleiro ou taboleiros que arranjes e vedas-lhes todos os buracos cuidadosamente.

Levas ao lume e mechês com um pauzito para que se misture bem, até ficar bem fundido, mas



cautela, não deixes ferver, senão tens tudo estragado por causa das bolhas de ar!

O taboleiro de que já te falei, está sobre uma mesa bem plana ao abrigo de qualquer encontro.

Deitas-lhe a massa derretida dentro, de forma a que fique bem espalhada em toda a superfície.

Deixas repousar durante uma ou duas horas, mas não lhe toques, porque qualquer ruga na massa estraga tudo e tem que voltar a ser fundida.

É preciso, então, comprar uma tinta que se vende em todas as boas papelarias — TINTA DE COPIÓGRAFO — da qual a melhor cor é a roxa.

Compras papel de qualquer qualidade, que te dê, em folhas dobradas ao meio, o tamanho do teu jornal.

Arranjas papel pautado ou quadriculado, não passento; paciência para as tuas experiências, o pessoal da redacção e desenhadores...

Até ao próximo número.

Teu amigo

TÍOTÓNIO.

CONCURSO GEOMÉTRICO



Maria Germana Ribeiro

Concurso da Secção Infantil da Emissora Nacional

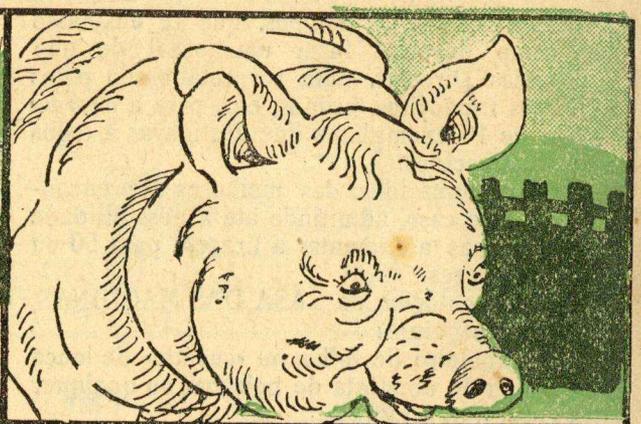


Maria Manuel Pimenta de Castro



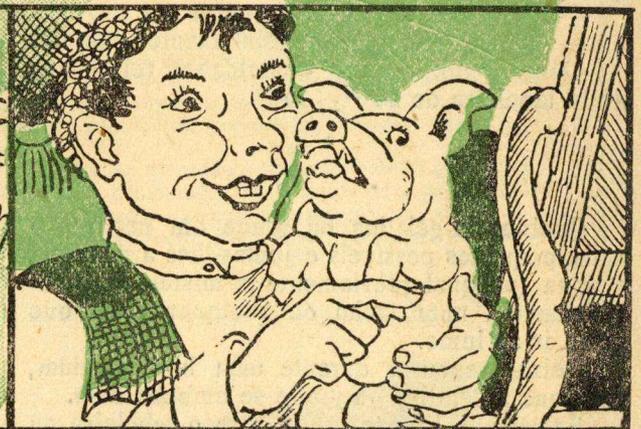
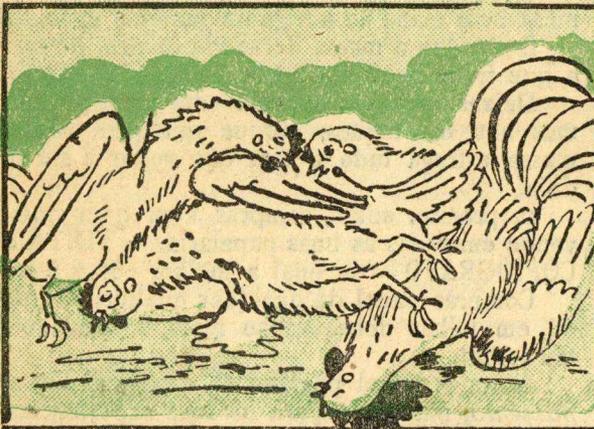
Maria Aldegundes Almeida Ribeiro

A RAPOSA E O PÔRCO



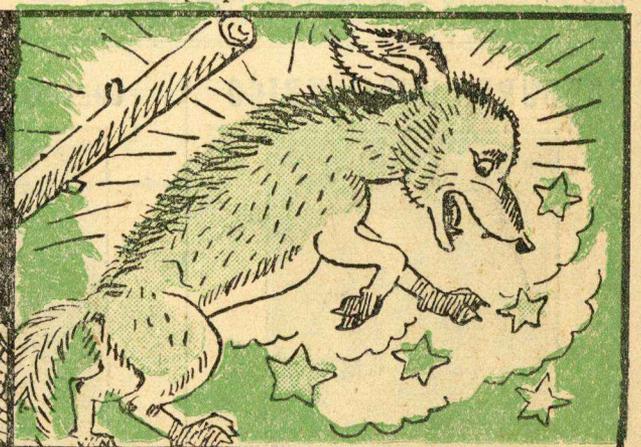
I — Certa raposa, ao passar pelo chiqueiro dum porco, que ora de pé ou de bôrco, levava a vida a fossar,

II — diz-lhe muito desdenhosa :
— « Pôrco, és bem um porcalhão!... »
Responde-lhe o pôrco então :
— « Bem mais porca és tu, raposa ! »



III — Tenho o corpo, em sujidade mas mais sujo é teu instinto, matando a galinha, o pinto, com arдил e falsidade.

IV — Entra, além, na residência do meu dono, eu te aconselho, e vê, lá dentro, no espelho, tua própria consciência.»



V — Desprevenida, a raposa entra no lar indicado, onde o guardador de gado lhe aplica uma grande tosa.

VI — Meus meninos, notem bem, isto, às vezes, acontece a quem pouco se conhece e a tudo mostra desdém.